



ANO I — Setembro de 1968 — N.º 4 — Director: Pároco de Esposende - Portugal — Telef. 89291

COMPOSTO E IMPRESSO NA
Gráf. Editora do Cávado - Esposende

A última Encíclica que o S. Padre publicou em 29 de Julho p. p., teve o nome de *Humanae Vitae*, por tratar da génese da vida humana.

O problema tem actualidade. É assunto de conversas, de leituras, de cursos especializado e sobretudo, deve ser motivo sério de um profundo exame de cons-

Carta Encíclica

ciência e tema de estudo bem cuidado ao nível de casais e de jovens que se preparam para o matrimónio.

O assunto tão importante não pode ser encarado com leviandade, muito menos com desprezo pela voz autorizada do Papa.

Porque é grande a desorientação e porque o assunto da Encíclica, mercê dos grandes meios de comunicação, se tornou inteiramente público, senti indeclinável o dever de o abordar neste Boletim.

O Santo Padre começa por afirmar que o gravíssimo dever de transmitir a vida humana, que faz dos esposos colaboradores livres e responsáveis de Deus criador, foi sempre para eles fonte de grandes alegrias e de sérios problemas. A Igreja tem sobre o assunto a sua palavra na explanação da lei natural, iluminada e enriquecida pela Revelação Divina. Daí a Encíclica apontar as características do amor conjugal: amor plenamente humano (sensível, mas espiritual e livre), total, fiel e exclusivo, e fecundo. Daqui a necessidade de compreender o significado da expressão, ora consagrada, de «paternidade responsável». Esta consiste no conhecimento e respeito das leis biológicas, no domínio da razão e da vontade sobre as tendências do instinto e das paixões, na deliberação ponderada e generosa sobre as condições físicas, económicas, psicológicas e sociais para ter uma família mais, ou menos, numerosa.

Frisa depois a Encíclica que, no acto matrimonial, por sua natureza e finalidade são inseparáveis a união e a procriação. Os esposos são administradores das fontes da vida humana e não árbitros. Assim como o homem não tem domínio ilimitado sobre o próprio corpo, em geral, também o não tem, com particular razão, sobre as suas faculdades geradoras, intrinsecamente ordenadas a suscitar a vida.

Todo o acto matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida.

Chegamos assim ao ponto culminante da Encíclica

em que o Santo Padre diz: «é absolutamente de excluir a interrupção directa do processo generativo já iniciado, e, sobretudo, o aborto querido directamente e procurado, mesmo por razões terapêuticas.

É de excluir de igual modo... a esterilização directa, tanto perpétua como temporária, e tanto do homem como da mulher; é ainda de excluir toda a acção que, ou em previsão do acto conjugal, ou durante a sua realização, ou também durante o desenvolvimento das suas consequências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação».

São, portanto, ilícitos os métodos artificiais da regulação da natalidade, todavia a Igreja «não considera ilícito o recurso aos meios terapêuticos, verdadeiramente

Humanae Vitae

necessários para curar doenças do organismo, ainda que daí venha a resultar um impedimento, mesmo previsto, à procriação, desde que tal impedimento não seja, por motivo algum, querido directamente».

Nem se argumente que as maternidades precedentes podem justificar actos conjugais desordenados, porque «seria erro pensar que um acto conjugal, tornado voluntariamente infecundo, e por isso intrinsecamente desonesto, pode ser tornado honesto pelo conjunto de uma vida conjugal fecunda».

É ainda lícito a regulação dos nascimentos, havendo motivos muito sérios, pelo recurso aos períodos infecundos (continência periódica).

Não podia ser outra a voz da Igreja, pois, admitida a regulação artificial (o que vai contra a lei natural) teríamos aberto um caminho amplo e fácil para a infidelidade conjugal e para a degradação da moralidade; perder-se-ia todo o ambiente de educação da juventude e o respeito pela mulher, além de pôr nas mãos das Autoridades públicas uma arma perigosa para vencer as dificuldades demográficas e sociais.

Por fim, o Santo Padre apela para a prática de um benéfico autodomínio — ascese imprescindível a todos nós —, condenando toda a espécie de pornografia ou de espectáculos licenciosos. Apela para os governantes, principais responsáveis pelo bem comum, a fim de que não permitam que se degrade a moralidade das populações. Apela para os homens de ciência a fim de que estudem e esclareçam melhor as diversas condições favoráveis a uma honesta regulação da pro-

(Cont. na pág. 2)

PASSOU UM ANO

Na labuta diária do nosso dia-a-dia, o primeiro ano de pároco desta Vila, passou veloz. Aqui entrámos na tarde do dia 7 de Setembro (de 1967) tendo tomado posse no domingo seguinte, dia 10. Um ano depois não queremos deixar de fazer um breve exame de consciência sobre a nossa actividade paroquial. Algo conseguimos e há desejos, fortes e ardentes, de realizar muito mais.

Começando pela vida material destacamos, entre muitas coisas pequenas, o seguinte: aquisição de um sêlo branco, de um ferro eléctrico para o fabrico das hóstias, pagamento de um policopiador (5.140\$00), aquisição de uma estante para arquivo paroquial (1.500\$00), de duas alvas, de material para o cartório paroquial, de livros de música, de um cofre (2.250\$00), de uma campainha para o compasso pascal, de uma banquetta de metal para altar voltado para o povo (800\$00), de um armário para guardar as pratas e limpeza ou concerto das mesmas (770\$00).

Há dias terminámos com a instalação eléctrica da Residência e estamos, entretantes, a efectuar a adaptação da capela-mor da nossa Igreja Matriz, onde ficará um magnífico trabalho em pedra, lindamente apresentado.

Pastoralmente fundámos este Boletim, iniciámos a elaboração do ficheiro paroquial, incrementámos os movimentos de apostolado, procurámos revitalizar todos os actos de piedade, para cujo fim nos dedicámos a ensaios de cânticos - necessidade premente entre nós - e a campanhas de missais, bíblias, etc.

Espiritualmente só Deus saberá a nossa acção sobre as almas.

Que Deus acompanhe o nosso esforço e fecunde sempre o nosso trabalho, porque só Ele o poderá fazer frutificar.

Que o Senhor nos conceda sempre forças e a sua bênção para que o segundo ano seja mais proveitoso.

Com Ele... assim o esperamos.

OS NOSSOS BENFEITORES

Pelo número anterior ofereceram:

7\$50 - Anónimo.

5\$00 - D. Júlia Monteiro, D. Etelvina Barros Lima, Anónimo e Diamantino da Silva Pinto.

3\$50 - Anónimo e António C. Zão,

2\$50 - Carlos Lima Maciel, D. Elvira Magalhães Faria, Manuel Martins Ferreira, Eduardo Viana, Maria Cândida Almeida Miquelino, Dr. Augusto Reis, D. Eva Portela, Jerónimo dos Santos Miranda, Ondina, Inocência da Silva Pinto, D. Gracinda Vilas Boas Neto e José A. Borges.

1\$50 - Manuel Pinto, Angélica e João Torres.

Pelo primeiro ano ofereceram:

50\$00 - Manuel Gonçalves Rites (França).

40\$00 - Manuel Avelino Marques Rego (Lousada).

20\$00 - D. Maria Margarida T. de Sá, Francisco Areias, António Martins Rei (Cova da Piedade) e D. Maria Helena Vieira Coutinho (Porto).

A todos o nosso sincero muito obrigado.

Movimento Religioso

EM AGOSTO

Baptismos:

Dia 31 (de Julho) - Paulo Alexandre Sá Alves, filho de António Fernandes Alves Júnior e de Maria da Ascensão Moreira de Sá, residentes na rua de S. João.

11 - José Manuel de Azevedo Laranjeira, filho de Manuel Jesus Martins Laranjeira e de Elvira Alves de Azevedo, residentes na rua Narciso Ferreira n.º 17.

25 - Eduardo Manuel Ferreira Loureiro Pereira Viana, filho de Eduardo Pereira Viana e de D. Maria Luísa Ferreira Loureiro Pereira Viana, residentes na rua General Roçadas.

26 - Cristina Durand Alves, filha de Francisco Macário da Silva Alves e de Augustine Claudie Durand, residentes nesta Vila.

Óbitos:

Dia 1 - Paulo Alexandre Sá Alves, cujo baptizado aqui referimos.

5 - Artur Boaventura Rego, de 70 anos de idade, casado, natural de Marinhãs e residente nesta Vila.

19 - Isabel Maria Pereira Ribeiro, de três meses de idade, filha de Joaquim Gonçalves Ribeiro e de Maria da Paz Pereira, residentes na rua 5 de Outubro.

Carta Encíclica

(Cont. da pág. 3)

criação humana, tendo em conta os ritmos naturais imanes às funções geradoras. Apela para os esposos a fim de que vivam na Fé e na esperança, na oração alimentada pela eucaristia e pela penitência, fazendo apostolado junto dos outros esposos.

Apela para os médicos a fim de que dêem soluções inspiradas na fé e na recta razão e considerem dever profissional próprio a competência esclarecida e cristã em assunto tão grave.

Em síntese: - *condena* a interrupção directa do processo generativo já iniciado, e, sobretudo o aborto querido directamente e procurado, mesmo por motivos terapêuticos.

- A esterilização directa, tanto perpétua como temporária (o caso da «pílula»).

- Toda a acção que se proponha tornar impossível a procriação.

É lícito: - o recurso ao período infecundo.

- o recurso aos meios terapêuticos, nas condições acima apontadas.

Esta Encíclica é o resultado do aturado trabalho, durante cinco anos, duma comissão nomeada por João XXIII e ampliada por Paulo VI, que neste assunto trabalhou durante dois anos. A sua voz é a voz constante da Igreja. Segui-la-emos firme e fielmente.

Ela será a Carta Magna da Família.

- O cumprimento integral dos deveres matrimoniais exige renúncia, sacrifício e compreensão entre os esposos. Só quando os dois - marido e esposa - olharem de frente o problema, encontrarão uma verdadeira solução cristã.

Noticiário

■ Nos últimos dias de Julho p. p. foram colocadas, à margem da Estrada Nacional, em Esposende e Fão, placas apropriadas com os horários das missas dominicais.

Os nossos sinceros parabéns aos dedicados membros da Autoridade local que realizaram tão benéfica e cristã iniciativa.

■ De visita aos seus antigos paroquianos e a nosso convite, que muito nos honrou, passou por esta Vila, há umas semanas, o Rev. Sr. Padre João Porto Soares.

Sempre que nos queira ou possa visitar, terá esta casa às suas ordens, e um povo dedicado e amigo que o espera de braços abertos.

■ No dia 8 do corrente haverá, nesta Vila, uma Ulreia Diocesana dos Cursos de Cristandade.

■ No dia 20 de Julho p. p., na Igreja Matriz de Fão, o nosso conterrâneo Manuel Gonçalves Zão, filho de António G. Zão e de Amélia M. Carneiro, realizou o seu casamento com a menina Laura Agra da Venda, natural de Fão, filha de António Domingues da Venda e de Idalina Agra da Venda. Felicidades.

Viagens de Paulo VI

Paulo VI, nestes últimos 150 anos, foi o primeiro Papa a sair de Itália, e um dos poucos a sair de lá por sua livre vontade.

Dos 38 Papas que saíram da Itália (este é o 264.º Papa), a maior parte foi violentada. De 1870, quando se deu a quebra do poder temporal do Papa, até 1929, data em que foi assinado o Tratado de Latrão, os Papas consideravam-se prisioneiros do Vaticano e nem sequer visitavam Roma.

A primeira viagem de Paulo VI foi a ida à Terra Santa, em Janeiro de 1964.

A segunda foi em Dezembro do mesmo ano, a Bombaim, na Índia, por ocasião do 38.º Congresso Eucarístico Internacional.

A terceira foi em Outubro de 1965 à Sede das Nações Unidas, no Novo Mundo da América do Norte, donde dirigiu aos chefes de todas as nações uma retumbante exortação à paz.

A quarta viagem foi a Fátima, em 13 de Maio de 1967, a implorar da Mãe de Deus a paz para o Mundo.

A quinta foi em 25 e 26 de Julho de 1967, à Turquia, numa visita de Paz, de Ecumenismo e de devoção à Virgem Maria.

A sexta grande viagem acaba o S. Padre de a fazer à Colômbia, de 22 a 25 de Agosto último, por ocasião do 39.º Congresso Eucarístico Internacional de Bogotá.

Na ida para Bogotá o S. Padre sobrevoou Fátima, dirigindo-nos uma amável mensagem.

O tom especial deste Congresso, é a da preocupação social do pão a repartir por todos os homens, como se distribui a Eucaristia às almas.

O que é a MISSA?

(Cont. da pág. 4)

da Páscoa da Velha Aliança. Em virtude deste carácter sagrado, ela comporta ritos e cerimónias especiais que Jesus e os discípulos observaram. Estes ritos e cerimónias são pálidas figuras da nossa missa ou celebração da Páscoa da nova Aliança.

Eis esses pontos semelhantes:

1) — *Come-se um cordeiro imolado no Templo.* Esta refeição é um sacrifício.

2) — *Come-se pão e bebe-se vinho sobre os quais se pronuncia uma bênção.* E agradece-se a Deus que dá aos homens o pão e o vinho em alimento.

3) — *Reunem-se todos os membros da família.* A refeição da Páscoa judaica é uma reunião e uma festa.

4) — *O pai de família recorda aos convivas os grandes benefícios de Deus que salvou o seu povo.* Na missa, a Epístola e o Evangelho dizem-nos o que o Senhor fez por nós.

5) — *O pai de família dá graças a Deus.* O prefácio da missa não diz outra coisa.

6) — *Cantam-se salmos.* Na missa também cantamos salmos à entrada, no gradual, ao ofertório, à comunhão.

7) — *A Páscoa antiga era um banquete de irmãos.* A comunhão não nos une somente a Jesus. Une-nos também aos nossos irmãos.

8) — *A celebração da Páscoa judaica era dominada pela expectativa do banquete messiânico.* A missa e nela a comunhão, faz crescer em nós a necessidade e a esperança do banquete celeste.

9) — *A refeição pascal era anúncio de felicidade,* indicando a libertação do Egipto e o peregrinar para a terra prometida. Assim a missa.

Em Quinta-feira Santa, Jesus realizou todos os ritos da refeição sagrada do Antigo Testamento. Foi então que Ele instituiu a Eucaristia. Por isso, a missa nasceu na Ceia, conservando as riquezas do rito antigo. Como ele e muito mais do que ele, a missa é sacrifício, reunião, festa, louvor, oblação e anúncio do Céu.

Em face disto, não restam dúvidas que não pode haver missa sem comunhão. É um contrasenso que um cristão «vá» à missa e nela não comungue. *Se para si deixou de ser refeição, deixou de ser missa. A missa sem comunhão fica incompleta. Cristo não disse tomai e adorai, mas disse tomai e comei. A comunhão é a melhor e mais indispensável participação dos fiéis na santa missa.*

Praza a Deus, que os leitores deste boletim, formulassem desde hoje o propósito de viverem um cristianismo autêntico, comungando sempre na sua missa dominical.

Em alocução de 18 de Agosto, Paulo VI definiu assim os objectivos da sua viagem:

- Celebrar Cristo presente na Eucaristia
- Falar com os pobres (camponeses)
- Lembrar aos ricos os seus deveres
- Intensificar a unidade cristã
- Favorecer a paz no mundo

Associemo-nos ao S. Padre rezando e trabalhando pela Paz e pelo bem estar material e espiritual da humanidade.

O que é a MISSA?

Através de alguns números deste boletim vamos proceder a uns comentários sobre a Santa Missa, porque julgamos o assunto de suprema importância para todos os fiéis. A missa é um ponto de partida e de chegada junto de Deus, uma fonte e uma coroação (*culmen et radix*) da vida cristã. Oxalá sejam lidos, meditados e compreendidos.

Assim, comecemos por aprender ou recordar algumas idelas.

«Ir à missa» é uma obrigação. Mas porquê?

«Participar na missa» é uma necessidade. Mas como?

«Comungar na missa» é normal. Mas em que condições?

«Compreender a missa» é difícil...

Quando os Apóstolos assistiram à missa pela primeira vez na sua vida, quando comungaram, saberiam eles o que era a Missa? Por certo que não. Como os Apóstolos, também nós começamos a assistir à missa antes de saber o que ela era. Vamos à missa todos os domingos. Nela rezamos e comungamos; temos até um missal que nos permite «seguir a missa». Mas, o que é a missa?

Percorramos as páginas do Evangelho e do missal onde descobriremos um conjunto de riquezas capazes de nos dar esta resposta: a missa é uma refeição, a missa nasceu na ceia, a missa é um sacrifício, é uma comunhão, é uma reunião, é uma festa, é um diálogo com Deus, é uma oferta, é um ponto de partida, é um anúncio do céu.

Vamos meditar atentamente em cada uma destas repostas.

I — A Missa é uma refeição

A missa é a refeição do Povo cristão. Aprendemos no catecismo que a missa foi instituída por Nosso Senhor, em Quinta-feira Santa, durante a Ceia. É isso o que nos diz o Evangelho, S. Paulo e o próprio missal. Na véspera da sua Paixão e morte, durante uma refeição, Jesus tomou o pão, deu graças e entregou-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai e comei; isto é o meu corpo» que vai ser entregue por vós. Fazei isto em memória de Mim.

São absolutamente as mesmas palavras e os mesmos gestos, os de Jesus na Ceia, e os do sacerdote na missa.

Foi, de facto, na Ceia que a missa foi instituída. A missa é a Ceia a renovar-se no meio de nós e para nós. Em certas circunstâncias muito graves, a Igreja permite celebrar a missa sem velas ou outros requisitos; mas não poderia celebrá-la sem pão e sem vinho. O pão, o vinho, um cálice e uma patena, uma mesa com as suas toalhas, tudo mostra com evidência que a missa é uma refeição sagrada. Não é uma refeição vulgar, é a refeição do Senhor. Não é pão e vinho o que nós recebemos, é a carne e o sangue de Cristo.

Reparal como as orações da missa (sobretudo

as orações depois da comunhão) empregam frequentemente uma linguagem de refeição: fome, sede, alimento celeste, mesa de Deus, ser saciado, reparação das forças.

O coração da missa é a consagração e a comunhão.

Todas as orações que precedem este gesto central são muito preciosas mas dispõem-se a preparar os fiéis para reviverem este instante privilegiado, que é a chave de toda a missa. Estes gestos e orações da consagração e comunhão, da ceia, nunca mudarão, pois constituem o núcleo, a célula-mãe, sem a qual não haveria missa, porque esta é a reprodução e, por assim dizer, a reedição da Ceia.

Eis o que não muda nunca. Fixemos bem isto perante as presentes modificações.

A mesa familiar reúne os pais e os filhos para uma refeição alegre. O altar, que é também mesa, está no centro da reunião dos filhos de Deus, para a sagrada refeição do Senhor.

Tendo nós uma vida humana sentimos necessidade da refeição material para a revitalização do corpo. Ora, não podemos dizer que temos vida cristã se não sentimos a mesma necessidade desta refeição do Senhor. Por isso, quem não sente necessidade da missa não tem vida cristã autêntica.

II — A Missa nasceu na Ceia

Jesus instituiu a missa durante uma refeição com os discípulos. Mas esta refeição não é como as outras; é a refeição da Páscoa.

Sempre que os evangelistas descrevem as refeições de Jesus (nas bodas de Caná, nas margens do lago de Tiberíades, etc), dir-se-ia que retêm um pormenor que lhes evoca a missa. Nas bodas de Caná Jesus muda a água em vinho e diz esta palavra misteriosa:

«Ainda não chegou a minha hora». Vejamos, pois, que Ele declara presente essa hora, quando Judas no jardim das oliveiras, se aproxima d'Ele e O indica aos que procuram dar-Lhe a morte, depois da Ceia em que mudara o vinho no seu sangue.

As multiplicações dos pães, com a sua impressionante abundância de alimento, evocam a distribuição (comunhão), renovada sempre que se celebre a missa.

A Ceia ou refeição pascal de Quinta-feira Santa na qual Jesus instituiu a missa, está muito próxima da Paixão e do Calvário. A Eucaristia e a missa estão em relação com a cruz, a morte e a ressurreição de Jesus, e Jesus quis esta ligação para nos fazer, compreender que a missa e a cruz são, para nós, uma só e mesma coisa.

Mas esta Ceia de Quinta-feira Santa não surgiu por acaso. Ela era uma refeição sagrada que os judeus ainda hoje celebram e já antes a celebravam em memória da libertação do cativo do Egipto. Chamava-se-lhe a refeição pascal. Era a celebração